

### 3. Os Centenários e o espaço simbólico de identificação com o moderno

“A intensificação do movimento literário no território fluminense é já uma grande conquista e o presságio de melhores dias do futuro.

Cem anos após a nossa independência, cem anos após o dia em que se iniciou a formação de nossa nacionalidade é um lapso de tempo bastante para os mais pronunciados progressos e seria para nós um crime se permanecermos nesse indiferentismo criminoso que assinalou, algures, o retardamento de nossa evolução.”

Max Lucano.

215

Voltar ao passado traz memórias e lembranças que já estão inscritas e que, *a priori*, não podem ser mudadas. Mas esse exercício obriga-nos a uma avaliação do hoje; e, se o passado não pode ser mudado, o presente e o futuro podem redimi-lo ao oferecer novas perspectivas. A epígrafe nos remete a esse sentimento. No momento de celebração da nação, no Centenário da Independência, anseia-se por mostrar os progressos dessa longa duração, que antecedem melhores dias e que contribuem para refletirmos sobre a nacionalidade que teria nascido cem anos antes.

Nesse capítulo, pretendemos ponderar sobre os dois momentos máximos de celebração da nacionalidade propostos em *A Revista*. O primeiro refere-se ao Centenário da elevação de Niterói à condição de Vila, seus cem anos como cidade instituída. O segundo está ligado ao Centenário da Independência, momento de avaliação da história nacional, depois de um século, enquanto país independente. Propomo-nos a refletir como a identidade nacional, melhor dizendo, o ideal de uma nação moderna foi desenhado na publicação dessas duas edições especiais dedicadas à comemoração dos respectivos centenários.

As festas para os centenários foram ocasiões especiais para a sociedade brasileira, por meio de seus políticos, de seus intelectuais e de seus letrados em geral, pensar a si mesma. Foram elaboradas interpretações sobre o país, sobre a sua história, buscando uma conexão com o seu presente, ou seja, do início do século anterior. Esse momento traçou avaliações sobre o passado para dar sentido ao presente. O século XX vivenciava a modernidade, o paradigma do modelo europeu foi rompido depois da guerra – quando o modelo da *belle époque* entrou em decadência as nações européias estavam se reerguendo após a guerra e não

---

<sup>215</sup> Max Lucano. O centenário e a mocidade Fluminense. *A Revista*, Ano IV, nº 50, 1922. p.73.

eram mais um parâmetro a ser imitado – e o mundo assistia o ritmo acelerado dos progressos tecnológicos. Tudo isso suscitava questões sobre a identidade do estado: será que o Brasil estava à altura do nosso século? Seriam, os brasileiros, contemporâneos ao seu tempo, ou melhor, estariam acompanhando essas mudanças? E os fluminenses, qual a inserção do seu projeto para a releitura dos primeiros cem anos da nação?

### 3.1. Os centenários e a modernidade para os fluminenses

Afinados com o manejo da pena, informados e cultos, eram os intelectuais que encaminhavam esses questionamentos. Ao adotarem para si uma identidade de grupo de tutela intelectual, entendiam-se como uma vanguarda no caminho de atribuir uma outra imagem à nação. A missão de interpretar a sociedade e de reavaliar a trajetória centenária seria a oportunidade de imprimir na memória coletiva da nação os ideais de progresso, de luta, de conquistas, de um Brasil moderno que tem futuro ante às outras nações.

A ocasião dos Centenários, de Niterói e da pátria estimulou a avaliação das heranças ao longo dos anos de história que então se comemorava. Ao comparar permanências e mudanças, foram formuladas reflexões novas e restaurados antigos olhares que construíram uma história sobre a criação da nacionalidade brasileira. Do passado buscavam-se raízes, de maneira conciliatória, valorizando a biografia nacional, ao deixar para trás os tempos de colônia e pensar na fundação da pátria. Surgiram tradições e um esforço para mantê-las vivas, criaram-se memórias para a nação.<sup>216</sup>

As edições especiais, que estamos analisando, são modelos de celebração dessa memória. O Centenário de Niterói<sup>217</sup> chegou às bancas na edição de agosto de 1919, em comemoração à elevação de Niterói à categoria de Vila, no dia 11 do mesmo mês em 1819. Enquanto número especial, seu anúncio vinha sendo feito em edições anteriores. Comemorar a fundação da cidade permitia avaliar a sua trajetória desde os tempos de Vila até os de capital do Estado do Rio de Janeiro,

---

<sup>216</sup> Cf. Eric Hobsbawm. *op. cit.*

<sup>217</sup> Para evitar a repetição de termos e tornar a leitura mais aprazível, mencionaremos em alguns momentos do texto apenas a Fundação da Cidade, que fará alusão ao Centenário de Niterói e Independência, ou momento da Independência, que irá se referir ao Centenário da Independência.

como uma cidade moderna, exemplar a todos os municípios fluminenses. Além de realizar propostas de consolidação da modernidade no estado.

Se estamos considerando o início do século como um período de fomento à novas propostas para a pátria, as revistas e os jornais seriam um excelente veículo de difusão dessas intenções. A comunicação com o leitor permitira a transmissão de idéias para recriação do país. Além de considerarmos que os editoriais e as redações desses periódicos estavam preenchidos por uma intelectualidade pujante, preocupada em ensinar a receita da modernidade para o Brasil.

Comemorações coletivas, como a que estudamos, não apenas enaltecem os fatos da “história oficial”, ao relembrar as grandes narrativas da história do país, seus heróis e grandes feitos; mas, revelam, antes, um caráter institucional e pedagógico. Marly Motta, ao citar Mona Ozouf, e sua interpretação sobre as festas da Revolução Francesa, suscita um olhar para essas comemorações como se as mesmas fossem a “professora da nação”. Professora porque essas festividades seriam especialmente oportunas, uma vez que há a reinterpretação do passado e a projeção de um futuro, para decantar na memória coletiva um ideal de modernidade.<sup>218</sup> Mitos e símbolos são exaltados como artifícios e “lugares de memória” fundamentais para a construção de uma nacionalidade no imaginário da população.

Reconstruir a nação significava atribuir-lhe lugares de identificação. Ou seja, criar uma memória que estivesse ligada à República e não aos primórdios coloniais ou à Monarquia e à idéia de um Imperador português que fez a independência. Para fazer as pazes com a História era preciso lugares onde o simbolismo nacional fosse republicano; o “7 de setembro” seria um lugar de identificação essencial nessa tarefa. Afetivo, pois conclamava o civismo de cada brasileiro; guardião da história da nação, portanto um lugar de memória; e associado às paradas militares e às festividades das comemorações; nesse sentido, o centenário é lugar de história, de cristalização da lembrança e de sua ramificação.<sup>219</sup>

---

<sup>218</sup> Marly Silva da Motta. **1922**: em busca da cabeça do Brasil moderno. Rio de Janeiro: CPDOC, 1994. 8f. p. 2. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm> Acesso em: 15 jan. 2008.

<sup>219</sup> Pierre Nora. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto história**. PUC-SP: São Paulo, nº 10, 1993. p. 22. Sobre a discussão memória e história e suas disputas ver também: Alessandro Portelli. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito,

Ao refletir sobre o passado com o intuito de sacralizá-lo, a República também foi criticada. Recém criada, mas já em crise, os intelectuais demonstraram o seu desencanto republicano. Os ideais fundadores do regime cederam lugar ao aparato político e corrupto das oligarquias que se perpetuavam no poder. Motta analisa:

“Forçando uma reflexão sobre o passado, a comemoração do Centenário desencadeou o desejo de buscar o tempo perdido, provocou a sensação de que se perdera uma “Idade de Ouro” que era preciso restaurar.”<sup>220</sup>

Os homens de letras desejosos em participar da República, contribuíam para o questionamento desse modelo político. Restaurar a República para restaurar o país. O modernismo, com seus projetos de progresso e de reconstrução da nação, contemplou essas queixas ao procurar inserir o Brasil nos paradigmas modernos. E os fluminenses, também desejosos de resgatar a sua “Idade de Ouro” perdida, enquanto Província, quando tinham prestígio na política, identificaram-se com as idéias modernizadoras. O lema de regeneração, de uma nova leitura da história, poderia reacender a relevância do estado no quadro federativo.

Por isso, o exercício comparativo entre os dois centenários torna-se ainda mais interessante. Trabalhar nos dois âmbitos, pensar a cidade de Niterói, a capital – como termômetro do desenvolvimento e da modernidade do estado – fluminense e a nação, deitando os olhos sobre as festas centenárias. O Centenário da Independência foi intensamente comemorado por *A Revista*. Para criar uma memória sobre a atuação dos fluminenses nesses cem anos, produziram uma edição especial, que foi publicada em 12 de outubro de 1922 – mais de um mês depois da data oficial do evento. O pedido de desculpas que integra essa edição é justificado pelo argumento da importância do evento e de como o periódico deveria se preparar para divulgá-lo. Segundo seus editores por motivos involuntários, não conseguiram fazer com que o número especial chegasse ao público com pontualidade, porém os leitores os perdoariam.<sup>221</sup>

Na presente edição, os fluminenses colocavam-se, perante aos outros estados da federação como sendo de fundamental importância na fundação da

---

política, luto e senso comum. In: Marieta de Moraes Ferreira; Janaína Amado (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>220</sup> Marly Motta (1992). *op.cit.* p. 25

<sup>221</sup> A Revista e o número do centenário. **A Revista**. Ano IV, nº 50, 1922. p. 14.

nacionalidade durante esses cem anos de história. Repetiam esse discurso ao construir uma afirmação nacional, narrando a pátria como uma unidade coesa, fomentando o sentimento cívico. Na verdade, essas duas faces misturam-se e aparecem nos dois números que analisaremos. O caminho utilizado para a reconstrução da nação e do estado tem como interseção a modernidade, pensada a partir dos ideais de progresso, de industrialização, de educação, de saúde e de política. É como se esses dois exemplares fossem a exacerbação da temática de *A Revista*. Com o auxílio da história, o discurso sobre o moderno fica ainda mais claro, no texto, nas seções, nas fotografias, nas formas desse projeto.

### 3.2. A propaganda e o visual moderno

Os números referentes aos centenários são tão significativos aos mentores de *A Revista*, que havia uma preparação prévia de seus leitores. Suas edições tiveram propaganda, em números anteriores, anunciando a sua chegada às bancas.<sup>222</sup> Certamente, eram temas relevantes: tratavam das comemorações para o estado e para a nação. Mas há que se pensar no projeto modernista de seus intelectuais. Uma edição especial, não só vendia mais, mas era oportuna para reafirmar as indicações da modernização e do progresso, determinando a identidade fluminense.

Ao considerar que *A Revista* foi criada em maio de 1919, e que já em seu segundo exemplar já havia propaganda dedicando um “crédito especial para os trabalhos do centenário da cidade que se aproxima”,<sup>223</sup> percebemos a importância desse projeto para os seus letrados. Se refletirmos sobre o tempo de preparação de um número podemos conjecturar que o periódico já foi lançado pensando nas comemorações do centenário de Niterói.

Situação semelhante ocorreu nos preparativos para as festas da nacionalidade. Em 1922, *A Revista* já estava mais consolidada, não só entre seu público leitor, mas entre seus redatores. Houve mais tempo de preparação e de diagramação de idéias, afinal a revista dedicada ao centenário da independência foi a maior publicação entre todos os números do periódico. Seu anúncio vinha sendo feito desde a edição de abril de 1922, os reclames em página inteira

---

<sup>222</sup> Ver anexo 08.

<sup>223</sup> O Centenário. **A Revista**. Ano I, nº 2, 1919. p. 46.

narravam que o número teria “duzentas e muitas páginas impressas, além de primorosas ilustrações”<sup>224</sup>. Pequenas notas, como se fossem artigos, saíam com a intenção de divulgar o número especial.

“Sentindo com todo o fervor patriótico o alto alcance do grande feito que sagrou a nossa Independência e quiçá deu origem a formação de nossa maioridade, resolvemos dar no dia sete de setembro de mil novecentos e vinte dois o número do centenário. Será um acontecimento nunca visto no periodismo fluminense, principalmente na época atual em que a dificuldade material suplanta os ideais progressistas.”<sup>225</sup>

Observamos a importância dos preparativos para as festas. Pois, se esses exemplares seriam veículos para decantar os ideais progressistas, leia-se modernizantes, em seu público leitor, então buscava-se uma outra representação para o Estado do Rio. Na citação acima, nossos intelectuais fornecem-nos os indícios de como realizar essa tarefa, de atingir a população, oferecendo-lhes uma outra narrativa: a fotográfica.

O formato como se apresentou o periódico nos números centenários reflete o seu discurso modernizador. Não houve mudanças estruturais, todavia teve um capricho e uma dedicação à estética. Em ambos os números, a revista estava especialmente colorida. Os artigos eram impressos em páginas monocromáticas, que se alternavam a cada folha – impressa toda em verde, magenta, amarelo ou azul – inclusive alguns anúncios saíam coloridos. As edições também eram maiores, possuíam um número mais vultoso de páginas – na edição de Independência foram 225 páginas!

Ao observarmos a linguagem fotográfica entendemos o porquê do termo “revista ilustrada” para definir o nosso periódico. Muitos instantâneos preencheram suas páginas. As fotos ilustravam as mudanças da cidade, mostravam o antes e o depois do estado, desvendando seus encantos naturais e, principalmente, expondo o seu crescimento. A ênfase dada na urbanização aparecia como o sinônimo do moderno. Essa necessidade de provar a modernização em fotografias fazia parte da interpretação moderna que o periódico dava ao estado fluminense.

---

<sup>224</sup> O Centenário e A Revista. **A Revista**. Ano IV, nº 43, 1922. p. 138.

<sup>225</sup> *Idem, ibidem*.

Segundo Marlice Azevedo, a urbanização em Niterói intensificou-se muito na Primeira República, as reformas de Pereira Passos, no Distrito Federal, inspiraram outros governantes<sup>226</sup>:

“Expandir, embelezar, construir, sanear, constituíam o lema de qualquer programa governamental que se instalasse nesse quadro de carências provocados pela passagem de uma estrutura semi-rural em urbana que devia ser respaldado pelo conhecimento dos princípios do modernismo urbano.”<sup>227</sup>

As fotografias emolduravam esse processo em cenas. Transformava o urbanismo em modernidade. Ao enquadrar imagem no ato do instantâneo, o fotógrafo também enquadrava a perspectiva do seu leitor. Para atender o ritmo vertiginoso da modernidade, a narrativa fotográfica condensa em uma imagem uma multiplicidade de sentidos. Por retratar a realidade, não significa que é imparcial. Os ângulos, as legendas, os enquadramentos expressavam um ponto de vista, um discurso. Zita Possamai realça que o espaço que a fotografia conquistou, no início do século XX, deve-se à suposta fidelidade ao real e a sua narrativa imagética.

A modernidade assistiu ao desaparecimento desses antigos laços com lugares e com práticas cuja significação era dada através das narrativas.(...) As imagens visuais, em especial as fotografias, também se revelaram como forma de dar a ver o mundo e as coisas, na perspectiva da plausibilidade exigida pela informação. A imagem fotográfica, nesse sentido, passou a ser considerada, na modernidade, um suporte por excelência da informação confiável a ser transmitida ao receptor, transformando-o de ouvinte/interlocutor em *leitor visual*. A imagem fotográfica, pelas características técnicas do fazer fotográfico, supostamente viria a fornecer um registro fiel dos acontecimentos, enquanto a narrativa abriria espaço para a interpretação, pretensamente banida das novas formas tecnológicas de representação da realidade.<sup>228</sup> (grifo original)

Assim era *A Revista* nos números centenários, ansiosa por “dar a ver” o seu mundo pelo ângulo do moderno. Nas páginas que tratavam dos cem anos da fundação da cidade, por exemplo, foi elaborado uma montagem de quatro fotos, todas em tom de sépia, trazendo o título: “Ex-Vila Real da Praia Grande”<sup>229</sup>. Ao

<sup>226</sup> Ver anexo 09.

<sup>227</sup> Marlice Nazareth Soares de Azevedo. Niterói Urbano: a construção do espaço da cidade. In: Ismênia de Lima Martins; Paulo Knauss (Orgs). *op. cit.* p. 43.

<sup>228</sup> Zita Rosane Possamai. Narrativas fotográficas sobre a cidade. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 07 fev. 2008. p. 58.

<sup>229</sup> Ex- Vila Real da Praia Grande. **A Revista**. Ano I, nº. 4, 1919. p. 9.

exibir antigos prédios e pontes niteroienses, a fotografia recuperava a memória da cidade, mas havia um reforço em afirmar que aquelas imagens estavam no passado – a escolha da cor sépia transmite a idéia de uma foto antiga. Além disso, três das fotos da montagem, traziam os seguintes subtítulos: “A *antiga* Ponte Ferry de Niterói”; “A *antiga* ponte de São Domingos”; “Um aspecto da Viação *antiga*” (grifos meus). A “Ex” Vila era, naquele momento, uma cidade modernizada. Páginas à frente, duas outras fotografias expõem outro aspecto da cidade. Uma foto mostra uma rua calçada, tracejada por trilhos de bonde, coretos e ao fundo um prédio grande e novo. A legenda explica que aquele é o prédio onde estão funcionando as exposições de comemoração da centenária Niterói. Na folha ao lado, o destaque era para a Rua da Conceição, no centro da cidade, próximo à exposição. Visualizamos uma rua urbanizada com um longo corredor de fachadas comerciais, transeuntes e adereços enfeitando a entrada da rua.<sup>230</sup>

Na revista que homenageia o centenário da independência, a tônica da cidade moderna continua sendo perpetuada. O contexto de reavaliação da nação traçou diagnósticos para a República, corrompida pelas oligarquias e que estava em crise. Margarida de Souza Neves e Alda Heizer, ao estudarem a instauração da ordem republicana e o papel das reformas urbanas na capital, Rio de Janeiro, afirmam que,

“Transformar a cidade inteira numa espécie de cartão-postal da era moderna que a República pretendia trazer para o país era fazer da própria cidade, reformada em seu traçado urbanístico, na distribuição de habitantes<sup>231</sup> e em seus costumes, *um documento* da nova *ordem*, a capital do progresso.”<sup>232</sup> (grifos originais)

<sup>230</sup> As festas do centenário. *Idem*. p. 56 e 57

<sup>231</sup> Em Niterói, o movimento de modernização começou ainda no fim do século XIX, com o planejamento urbanístico de Icaraí. Pensado com arruamento perpendicular ao mar, formava o desenho de um tabuleiro de xadrez. Fotos da praia de Icaraí e da pedra de Itapuca apareciam como expoente de uma cidade em crescimento, no interior do periódico sobre o centenário da cidade. Sendo uma fotografia similar que compõe a capa da edição de Independência: o cenário de Icaraí ao lado de um ramo de lírios (ver anexo 06).

Essa modernização acabou refletindo na distribuição de seus moradores.. A zona norte que se expandia pelo Barreto em direção a São Gonçalo, era industrial, com grande população operária. No Centro e no Fonseca, estava a população de média e alta renda, pela proximidade com o distrito federal, transportes, colégios, por isso eram abundantes casas amplas e palacetes, chalés e casas de aluguel. A zona sul, tendo Icaraí como principal expoente, era local de veraneio e ocupação sazonal. Cf. Marlice Azevedo. *op. cit.*

<sup>232</sup> Alda Heizer; Margarida de Souza Neves. **A ordem é progresso: o Brasil de 1870 a 1910**. São Paulo: Atual, 1991. p. 56.



O discurso de modernização estava ligado à própria idéia de República. E se tarefa urgente para os intelectuais era redefinir a nação, voltando às primeiras intenções republicanas; os fluminenses encontraram o ordenamento para o progresso, para delinear a sua identidade, igualmente, através da urbanização da sua capital. Por essa razão, que no número do centenário da nacionalidade, recorreu-se à afirmação da cidade moderna pela linguagem fotográfica.

Em página inteira, no formato paisagem, foi publicada uma fotografia que parece até ser aérea, pela perspectiva que oferece, de Niterói. A sua legenda já a descreve:

“Uma pérola de Niterói – Vista parcial dos terrenos situados entre a Praça D. Pedro e a rua Dr. Celestino e Marques de Paraná, pertencentes a Companhia de Terras. Ao centro vê-se um grupo de 20 palacetes de estilo moderno.”<sup>233</sup>

Mais um exemplo da narrativa da modernidade é a reportagem sobre os municípios do Estado do Rio. As fotos ilustrativas mostravam o material urbano de cada município da região fluminense, ao pretender indicar ao seu leitor que o efeito do moderno estendia-se por todo o estado. Quando se escreveu sobre Lumiar, a imagem exposta era da construção de uma ponte, o título anunciava “Obras gigantescas do E. Rio”<sup>234</sup>. No município de São João Marcos, uma seqüência de duas fotos revelando trabalhadores na construção de uma estrada, realçada na legenda que era para automóveis, para ligar o município à Passa Três.<sup>235</sup> E as imagens prosseguiam com vistas parciais dos municípios, câmaras municipais, ruas calçadas e casarões.

Niterói recebeu destaque nessa reportagem, justamente por ser a capital. Um instantâneo impressionante – pela sua beleza, nitidez e ângulo – foi publicado com uma vista panorâmica da cidade, que exibia diversos prédios, construções e a estação das barcas, com uma parte da baía de Guanabara. Mostrava o traço urbano e em crescimento da cidade. Sua impressão foi em página dupla, estendida para oferecer amplitude a imagem. O título trazia “Niterói “a vol d’oiseau””, ou seja, Niterói pelo vôo dos pássaros.<sup>236</sup>

<sup>233</sup>Uma pérola de Niterói. **A Revista**. Ano IV, nº 50, 1922. p. 130.

<sup>234</sup>Caderno Municípios do Estado do Rio de Janeiro. **A Revista**. Ano IV, nº 50, 1922. p. 168.

<sup>235</sup>*Idem, ibidem*. p. 175.

<sup>236</sup>*Idem, ibidem*. p. 178. Ver anexo 07.

A fotografia e o apelo visual foram muito intensos, não só para pensar a cidade, mas para lembrar a história e produzir memórias sobre a identidade cultural do estado. Um estilo de montagem, com várias fotografias, marcou as edições dos centenários. Adornadas com vinhetas e com molduras, essas imagens produziam uma leitura dinâmica sobre os temas que abordavam. Ao reunir diversos instantâneos em uma mesma página, que compartilhavam de um eixo em comum, permitia ao leitor uma narrativa rápida e precisa do que se estava comunicando.

Esses retratos ocupavam sempre uma página inteira de destaque. Por vezes funcionavam como se fossem uma retrospectiva histórica ou um panorama de arte. Todavia o destaque dessas montagens foram para as biografias, para expor os homens e mulheres que construíram a história, entre eles, os intelectuais. Nos festejos da nação, os temas apresentados nas montagens foram: “Homens Ilustres”, “Expoentes Intelectuais”, “Vultos da Grande Guerra”, “Homens Célebres nas Letras”, todos pensadores renomados, brasileiros ou não. A diversidade era destacada, figuras desde D. Pedro II até Balzac saíram nos fotogramas.

Mas o ponto em questão é que, depois do fino trato das imagens, de estabelecer um elo com personalidades intelectuais do mundo, além de homens importantes para a história do Brasil, chegava-se aos fluminenses. Dividindo a edição com essas imagens, observamos outras montagens como “Parnaso Fluminense”<sup>237</sup>, mostrando parte da comunidade de poetas do estado, ou ainda “A Revista no Interior”, expondo homens importantes dos municípios do interior fluminense.<sup>238</sup> Inserir os fluminenses na história entre o grupo de grandes homens ou letrados é parte do movimento de rever a identidade cultural do estado, de equipará-lo com os paradigmas da modernidade.

### 3.3. A história e o moderno, narrativas comparadas

A questão histórica teve especial destaque nas edições dos centenários. A revolução do moderno aconteceu no século XX, o que era apenas interrogações e reflexões sobre o entorno da sociedade, sobre as rápidas mudanças, concretizou-se

<sup>237</sup> Ver anexo 10.

<sup>238</sup> A Revista no interior. *A Revista*. Ano IV, nº 50, 1922, p. 49 a 56.

na economia, na política, na vida cotidiana e na mentalidade da população.<sup>239</sup> O problema do moderno foi posto paralelamente ao da identidade nacional, então, como pensar uma nação nesse momento?

Por isso, Marly Motta argumenta que as comemorações dos cem anos da autonomia política brasileira seria um momento chave para rever a nação. Momento de festa, de relembrar as datas nacionais e os grandes feitos dos heróis brasileiros, e uma ocasião para criar tradições e para construir memórias, assim como para equilibrar a tradição com a modernidade.<sup>240</sup> Logo, a volta ao passado, recorrer à história, é um paradoxo, ou melhor, uma ambigüidade necessária ao moderno. Pois, ao buscar o novo, volta-se ao tempo que já passou. O antigo é recusado, mas a modernidade tem de conciliar-se com a história, que olha a tradição, para afirmar seus conceitos de progresso.

Foi o que aconteceu, emblematicamente, no Centenário da Independência. Voltar às origens, significava lembrar do período colonial e da exploração de nossa terra; além de recordar que o 7 de setembro estava ligado com a Monarquia. E a República? Em crise com seus valores, precisava ser regenerada. O diagnóstico da nação não era muito positivo, a pauta da hora era revê-la pelo olhar do moderno, de inseri-la na revolução do moderno ocorrida no século XX.

A valorização da história nacional trouxe uma outra perspectiva de interpretação sobre os cem anos do país autônomo. A colonização tornou-se sinônimo da miscigenação e da riqueza cultural dos tempos iniciais da nossa formação, e por isso foi valorizada. E o ápice da nacionalidade, o momento da independência, foi paulatinamente desligado da imagem do monarca português. Motta constrói o caminho que os militares fizeram para tornar a festa mais importante da pátria, ao conectar-se com a realidade republicana. Depois de tentar, em vão, a substituição do 7 de setembro pelo 15 de novembro, os republicanos se reconciliaram com história inventando a tradição das paradas militares. Ao celebrar a nacionalidade com um rito tipicamente dos militares (esses que foram os fundadores da República), pouco a pouco a data nacional foi identificando-se com o regime republicano.<sup>241</sup>

---

<sup>239</sup> Jacques Le Goff. *op. cit.* p. 190-192.

<sup>240</sup> Marly Motta (1992). *op. cit.*

<sup>241</sup> *Idem.* p. 13-20.

A valorização da história e a interpretação progressista sobre os seus fatos são características que saltam aos olhos nas edições especiais dos centenários. Procurava-se, à semelhança do que os intelectuais estavam sugerindo a nação, a proporcionalidade fluminense entre a tradição, buscando as suas origens, e a modernização, com um outro olhar sobre as perspectivas do estado. Nos dois números que estudamos, o eixo de condução do moderno – seja ele atingido pela urbanização, pela educação, ou pelo industrialismo – dialogava com a história, delineando projeções para o futuro.

No editorial da revista do centenário de 1922, Gioconda Dolores, escreve uma crônica poética “Sete de setembro breves palavras”<sup>242</sup>. Descreve a pátria como uma família, formada por todos os brasileiros. Salienta a mistura das três raças e recorda a bravura dos “irmãos portugueses”. O que desperta interesse no artigo da autora é a lógica de evolução histórica que ela cria. O 7 de setembro, o 13 de maio e o 15 de novembro seriam momentos-chaves para a construção da pátria. Contudo, ao relatar a emancipação política estabelece um paralelo direto entre o 7 de setembro e a Inconfidência Mineira. As marcas das idéias libertárias da inconfidência vieram a se consolidar na independência. Em nenhum momento, o grito do Ypiranga ou D. Pedro I foram mencionados.

Uma outra memória é pensada para a fundação da nacionalidade, a identificação com a monarquia é subtraída para dar destaque à República. Ao fim do texto uma ilustração de página inteira, chamada “A fundação da pátria brasileira”, apresentava José Bonifácio, as três raças, que conformaram a nação, e D. Pedro I. Entretanto, na legenda, a presença desse último é ignorada, trazia apenas a seguinte mensagem: “José Bonifácio constituindo a Nacionalidade com o concurso das três raças”<sup>243</sup>.

Páginas mais adiante, o ideal republicano é lembrado sob a imagem do Marechal Floriano Peixoto. De acordo com autor, um dos tipos políticos mais curiosos ao historiador futuro. Sua peculiaridade reside no fato de que, dificilmente, haverá um homem de que se tenha falado tão bem e tão mal, concomitantemente. Alcindo Guanabara atesta que esse é um traço da sua não vulgaridade. E que apesar das críticas, “o fato é que o marechal Floriano não

---

<sup>242</sup> Gioconda Dolores. Editorial. **A Revista**. Ano IV, nº 50, 1922. p. 1-14.

<sup>243</sup> *Idem, ibidem*. p. 7. Ver anexo 11.

obedece, não sente e não se guia por mais forte intenção se não essa de manter, defender e sustentar a República”<sup>244</sup>.

A comemoração do centenário colocou a República em cena, ofuscando ao máximo o papel da monarquia na construção da nossa identidade. Por mais que fosse um momento de crise ao ordenamento republicano, não cabia desconstruí-lo, a solução era reorganizar o regime para restaurar a nação. A história da pátria suscitou interpretações variadas, biografias diversas, mas, certamente, obrigou a intelectualidade a buscar as raízes nacionais.

Na ocasião de festejar a cidade, a história foi, igualmente, argumento-chave. No artigo: “O Centenário de Niterói, um pouco de história”<sup>245</sup>, foram narradas as lutas e a história da cidade, imortalizadas na figura do índio Araribóia (Martim Afonso de Souza), e de como as suas conquistas contra a invasão francesa fez com que Mem de Sá lhe concedesse a sesmaria da Vila Real da Praia Grande. Foi traçado um caminho da elevação da ex-Vila Real da Praia Grande à Vila, em 1819, recebendo o status de cidade, e mais tarde capital do Estado do Rio. O artigo faz um balanço de como Niterói tornou-se a capital, relacionando o tempo passado com o seu presente. Ilustrações de Araribóia e de José Clemente Pereira, 1º Juiz de Fora, acompanhavam o artigo, a impressão das imagens passavam a idéia de um retrato antigo.

Resgatar a figura do Araribóia era particularmente interessante nesse momento, pois foi o fundador daquela que viria ser Niterói, e que se queria uma cidade moderna. Ao ressaltar o histórico de lutas e de conquistas da cidade, do mito de herói, associa-se a identidade do povo fluminense como aguerrido, audaz. E se no passado haviam conquistado tanto, o que se podia esperar do presente e do futuro era fabuloso. No número da Independência, a retórica continua a mesma, se é que mais sobressaltada. Já que a tentativa de dar destaque ao papel do Estado do Rio de Janeiro ante à história da nação é uma tarefa imperativa, mais difícil, porém necessária para demonstrar o valor dos fluminenses.

Em “Os precursores”, Osório Duque Estrada<sup>246</sup> questiona o papel de José Bonifácio, patriarca da Independência, no processo de emancipação. Enfatiza que

<sup>244</sup> Alcindo Guanabara. O marechal Floriano. *Idem.* p. 46.

<sup>245</sup> O Centenário de Niterói, um pouco de história. **A Revista.** Ano I, nº 4, 1919. p. 13.

<sup>246</sup> Osório Duque Estrada é o autor da letra do Hino Nacional. Seu poema de 1909, em versos decassílabos, foi oficializado como letra do Hino Nacional Brasileiro por meio do Decreto nº

a independência não foi obra de um só momento, nem de um só homem, como afirmava os falsificadores da história, antes foi possível pelo consenso coletivo que contou com a colaboração de todos os brasileiros. Como fundadores da nacionalidade brasileira, destacava Osório, “acima de Dom Pedro I e José Bonifácio estão Joaquim Gonçalves Lêdo, Hyppolito José da Costa e José Clemente Pereira”<sup>247</sup>. Ênfase especial era corroborada nas ações do fluminense Gonçalves Lêdo, por sua participação na maçonaria, atuante no “Dia do Fico” e no processo de emancipação.

Para complementar seu argumento, o autor cita um discurso ao parlamento de José Clemente Pereira, em 1841, então Ministro da Guerra, que aqui reproduzo um fragmento:

“A mim me parece que, na cooperação, para a Independência, a glória é igual para todas as Províncias; mas se é necessário que alguma tenha prioridade, há de permitir-me o nobre deputado<sup>248</sup> que o conteste e ‘que diga que ela pertence aos Fluminenses’ ”.<sup>249</sup>

O artigo é emblemático para refletirmos a afirmação da identidade cultural fluminense na história da nação. Os números dos centenários estavam circulando por todo o estado e cada leitor ao receber a mensagem, e talvez passá-la adiante com algumas pessoas próximas, estaria percebendo a relevância de sua terra para a constituição da nacionalidade brasileira. A missão dos intelectuais, de remodelar a identidade do Estado do Rio, estava sendo completada.

A marca peremptória na escrita de *A Revista* realça, além do movimento do início do século passado de revisão dos valores pelo filtro modernista, um desejo de se aproximar do Distrito Federal, centro pujante do país. Segundo Ferreira,

“À visão depreciativa dos cariocas sobre os fluminenses somava-se, a visão dos fluminenses sobre si mesmos, especialmente os de Niterói, marcada por um enorme complexo de inferioridade frente ao grande centro cultural, político e econômico que era o Rio de Janeiro.”<sup>250</sup>

---

15.671, do presidente Epitácio Pessoa, em 6 de setembro de 1922, véspera do Centenário da Independência.

<sup>247</sup> Osório Duque Estrada. Os Precursores. *A Revista*. Ano IV, nº 50, 1922. p. 36-44.

<sup>248</sup> O Ministro refere-se a um outro deputado (Antônio Carlos) que defendia a preponderância de São Paulo no processo de Independência.

<sup>249</sup> Osório Duque Estrada. *op. cit.*, p. 38.

<sup>250</sup> Marieta de Moraes Ferreira. Niterói Poder: a cidade como centro político. In: Martins, Ismênia de Lima; Knauss, Paulo (Orgs). *op. cit.* p. 80.

Para a autora, a influência que a capital do país exerce sobre o estado é demolidora, não lhe permitindo uma personalidade própria. A partir do momento que os fluminenses exercem uma liderança ou alguma influência da história da nação, seu *status quo* se modifica, sua representatividade na federação é avivada. O trabalho dos homens de letras do nosso periódico é pedagógico, pois ensina a história do ponto de vista dos fluminenses, delegando-lhes uma maior participação nos fatos, outorgando-lhes a personalidade de um estado promissor.

### 3.4. Festa e sociabilidade, celebrar era preciso

As comemorações a tudo que representava o centenário foram intensamente divulgadas na revista. As noções de nacionalismo e de civismo foram rejuvenescidas e os centenários foram incorporados às festas da pátria. Ao decorrer das comemorações, os laços de sociabilidade intelectual foram se desenhando. A dinâmica do mundo das letras também festejava a criação da nossa autonomia, sendo um instante caro para a análise das idéias desse grupo para a nação.

Na seção *Vida Elegante*, do centenário niteroiense, agosto era bradado como o mês das festas do centenário. “Tivemos, na verdade, nessas festas todas, oportunidade para vermos Niterói sair dos seus pacatos hábitos sossegados e, numa pletora de risos e alacridade, esquecer-se da nossa costumeira pacatez.”<sup>251</sup> O ânimo para as festas modificou o ritmo da cidade. Uma exposição em homenagem ao centenário foi montada no centro da cidade, local da festa. O artigo “As diversões populares”<sup>252</sup> descrevia os carrosséis e os trenzinhos elétricos que foram montados na praça Martim Afonso.

A outra edição especial, sobre a Independência, preocupou-se primeiro com a dimensão histórica de exaltação da nação. Os anúncios e as repercussões das festas foram descritos posteriormente. No número lançado em novembro de 1922, as repercussões da festa puderam ser avaliadas. O título “Cidade Luz” definia a cidade do Rio de Janeiro no momento da festa. Duas páginas inteiras exibiam o projeto de iluminação e seu efeito na cidade. Em seguida, uma nota

<sup>251</sup> Vida Elegante. **A Revista**. Ano I, nº 4, 1919. p.10.

<sup>252</sup> As diversões populares. *Idem*. p. 23. Este artigo também anunciava a empresa Paschoal Segreto que montou estes equipamentos e “animou os festejos” do evento.

“Exposição” completava a descrição da festa, traçando os principais pontos da exposição internacional organizada para o evento.<sup>253</sup>

A festividade do centenário é única, pois permite a análise de circulação de idéias entre os ambientes intelectuais fluminenses. As descrições de como ocorreram as comemorações, o sucesso do empreendimento reflete êxito da proposta de reconstrução do cenário estadual. Dessa maneira, o que foi publicado em outros periódicos fluminenses, sobre a festa ou sobre os números especiais dos centenários foram publicados em *A Revista*, revelando sociabilidades.

A matéria chamada “As festas do Centenário”, no número da fundação niteroiense, narra como alguns periódicos da época retrataram as festas. Percebemos como as sociabilidades dos nossos intelectuais são realçadas, nesse artigo, ao destacar o movimento das letras fluminenses: “O movimento de imprensa, pois, esteve a altura dos esforços do povo fluminense que provou, exuberantemente, do quanto é capaz quando animado por uma vontade forte.”<sup>254</sup>. Os periódicos citados fazem parte da ambiência intelectual de *A Revista*, pois seu grupo, de alguma forma, participava das redações ou circulava com idéias entre esses diários. São eles: *O Fluminense*, *O Momento*, *A Gazeta*, *O Niterói*, *O Estado*, *O Collar de Pérolas*. Os dois últimos receberam dedicada atenção, por representar “incontestavelmente a imprensa progressista de Niterói”, e por “ser a última publicação a sair do prelo em homenagem a fundação da cidade de Niterói”, respectivamente.<sup>255</sup> Mas uma outra explicação possível, seria a grande quantidade de letrados em comum nesses espaços.<sup>256</sup>

O livro *Collar de Pérolas*<sup>257</sup>, acrotério dos poetas fluminenses, foi pensando por ocasião das festas. Como já mencionamos no outro capítulo, a obra foi organizada pelo redator-chefe de *A Revista*, Armando Gonçalves, e reunia vários membros da sociabilidade do periódico e da Academia Fluminense de Letras. Seu simbolismo, destacando os principais letrados da terra, começava pelo nome: acrotério é um pequeno pedestal sem base, que suporta vasos, figuras ou

<sup>253</sup> Ver A cidade luz. **A Revista**. Ano IV, nº 54, 1922. p. 36-38.

<sup>254</sup> As festas do centenário. *Idem*. Ano I, nº 4, 1919. p.9.

<sup>255</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>256</sup> Para maiores detalhes sobre a dinâmica da sociabilidade intelectual de *A Revista* ver o capítulo 2 da presente dissertação.

<sup>257</sup> Ver anexo 14.



outros ornamentos.<sup>258</sup> Ora, existia momento mais oportuno? As festas centenárias foram um momento ímpar de se aclamar a história e regenerar a identidade fluminense. O acrotério é a representação daquilo que o Estado do Rio queria voltar a ser ante a nação.

O diálogo com a sociabilidade intelectual, além de produzir resultados literários, como o *Collar de Pérolas*, gerava um diálogo com a produção periódica fluminense. Essa troca extrapolou às festas dos centenários e fez parte da dinâmica de *A Revista*. Nos números de aniversários da mesma, quaisquer edições especiais, no lançamento de novas revistas ou na narrativa de algum grande fato, a escrita de outras redações era consultada, através da seção *Palavras que nos estimulam*. Os contornos de uma sociabilidade intelectual vão se definindo na medida em que os periódicos citados são sempre os mesmos. Para ilustrar, temos no número do centenário da cidade uma outra nota que nos indica a circulação de idéias. A seção “Imprensa” relata a visita de colegas de outros periódicos à tipografia de *A Revista*.

A atmosfera festiva estava intensa. Nossos intelectuais dialogavam com o periodismo fluminense e comemoravam com os leitores; então quem faltava saudar? No anseio de ampliar o raio de alcance das informações veiculadas, *A Revista* publicou uma seção noticiosa e comemorativa dos cem anos da cidade em francês. As notícias sobre o centenário almejavam criar uma idéia de progresso e um sentimento de identidade na população. Para tanto, os estrangeiros aqui radicados não podiam ficar alheios. A *Section Extrangère* trazia comentários sobre “Le Centenaire”,<sup>259</sup> além de informações sobre a atualidade dos fatos. “Telégrames” era uma parte dentro da seção, que apresentava notícias rápidas do Brasil e do mundo – como a posse do presidente Epitácio Pessoa, os acontecimentos em Lisboa, ou os acordos da Áustria. Assinada por Pierre Parleur, provavelmente um pseudônimo, uma vez que jamais figurou nos quadros de colaboradores; trazia, também, provérbios e literatura traduzida para o francês.<sup>260</sup>

<sup>258</sup> Acrotério. In: **Dicionário da língua portuguesa** Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dIDLPO>. Acesso em: 10 maio 2008.

<sup>259</sup> Pierre Parleur. Section Extrangère. **A Revista**. Ano I, nº 4, 1919. p. 18 e 19.

<sup>260</sup> Um ponto a se observar é a proximidade de *A Revista* com a língua francesa, uma característica ainda da *belle époque*. Todavia, a Section Extrangère, só circulou até no primeiro ano do periódico, momento em que o percebe-se uma nítida transição para os valores do modelo americano. A seção *Telas e Ribaltas* que publicava comentários sobre o cinema, artes e teatro, passa a noticiar intensamente o cinema americano, fotos de artistas internacionais saem na capa da seção. Além de artigos, publicados ao longo do periódico, como “Um brasileiro recebe elogios

*Section Extrangère* não foi uma inovação pensada por causa das festas centenárias. Sua circulação ocorreu durante todo o primeiro ano de *A Revista* (de maio 1919 a abril de 1920). Escrita em francês, proporcionava uma aspecto internacional ao periódico, no sentido de também trazer notícias do mundo aos leitores fluminenses. Além de interagir com imigrantes, ainda garantia a prática de outro idioma, uma vez que publicava trechos de obras literárias brasileiras amplamente conhecidas em francês, assim como ditados populares e notas de sabedoria do senso comum.

Um dos aspectos, que se revela nessa seção, era a preocupação patente com a imagem da nação no estrangeiro. A nacionalidade, que procurava ser arraigada no imaginário coletivo, passava por fazer a população ter uma identidade nacional positiva e, quando possível, divulgá-la no exterior. O nacionalismo era uma espécie de via de mão dupla, que regenerava a nação ao mesmo tempo em que repensava a identidade fluminense. Esse eixo temático refletiu-se em todo o periódico. E podemos ilustrá-lo com o artigo: “Nós no Estrangeiro”, de Carvalho França, publicado no número que antecede ao centenário de Niterói. O autor reclamava dos comentários feitos por periódicos estrangeiros sobre a nossa pátria, por isso chamava os brasileiros à tarefa nacionalista de divulgá-la.

“É, porém, um apelo patriótico de um brasileiro, de um neo iniciado na vida da imprensa.

Torna-se mister, reajamos contra uma situação que nos deprime, e, já que nos enchemos de justo orgulho pelos triunfos obtidos nas pugnas desportivas ultimamente realizadas, de ardor patriótico pela chegada de uma parcela de nossa frota de guerra, areolada de glória, e que tão alto soube erguer o nome de seu país, aproveitemos o ensejo.

Façamos propaganda intensa de nossa terra: tornemo-la bem conhecida, porquanto cada um de nós tem esse sagrado dever.

Á obra, pois!”<sup>261</sup>

Fazer de *A Revista* um veículo para divulgar o nacionalismo era uma maneira de situar os fluminenses na nacionalidade. As festividades dos centenários permitiriam um discurso ainda mais tenaz. Se era um dever propagandear a nação, o mesmo aplicava-se ao Estado do Rio. Para a intelectualidade do nosso periódico,

---

numa Universidade dos Estados Unidos” (edição de dezembro 1919), “Films”, “Charles Chaplin”(ambos no número 3, de Telas e Ribaltas) representam essa mudança pós- Grande Guerra.

<sup>261</sup> Carvalho França. Nós no Estrangeiro. **A Revista**. Ano I, nº 3, 1919. p. 8.

o diálogo entre essas duas esferas acontecia ao se construir uma identidade indelével, que festejava o progresso e as conquistas da modernidade.

### 3.5. O progresso nos cem anos de história

A idéia de progresso para *A Revista* funcionava como um sinônimo da modernidade. Logo, noticiar com veemência o industrialismo, as reformas na cidade, o próspero comércio ou ainda as melhorias tecnológicas que chegavam ao Estado do Rio, significava um indicativo do que é moderno. Essa era uma das maneiras que o grupo do periódico divulgava essas experiências para seus leitores. O progresso era entendido como condição das transformações da vida social, ao consistir um aumento de significado e alcance da experiência humana. Ou seja, o progresso denotava que os fluminenses vivenciavam a aceleração vertiginosa da modernidade.

Demonstrada, a partir de fotos de casas comerciais ou de indústrias em Niterói e em outros pontos do estado, a noção de progresso e de modernização ampliava-se a todo o território estadual. Observamos isso, por exemplo, a partir das fotos da inauguração de casas comerciais, na capital do estado e em seus outros municípios. A exemplo do retrato do galinheiro da Fazenda Santa Maria, que mostrava “os primeiros galinheiros para a formação da grande granja avícola que ali está se organizando”, dizia “*A Revista* na estação do Rio do Ouro”;<sup>262</sup> ou ir até Paraokena para noticiar a Casa Ideal;<sup>263</sup> ou, ainda, a visita a Miracema para conhecer a firma Salim Damian e Irmão e publicar que “é com real prazer que *A REVISTA* registra as presentes linhas em homenagem ao desenvolvimento de Miracema”.<sup>264</sup>

Por mais que saibamos que muitas das firmas relacionadas como símbolos do crescimento do estado eram anunciantes do periódico – sendo assim, grande a possibilidade dessas matérias serem compradas – o interessante é observar o discurso dos intelectuais de *A Revista*. Nas notas que saíam em edições anteriores aos centenários, convidavam os leitores e os anunciantes a conferir os números festivos. Mas a apropriação, o discurso de crescimento e de progresso com que

<sup>262</sup> *A Revista* na estação Rio do Ouro. *Idem*. Ano I, nº 4, 1919. p.12, 14 e 15.

<sup>263</sup> Casa Ideal, Paraokena. *Idem*. Ano IV, nº 50, 1922. p. 44.

<sup>264</sup> Miracema. *Idem, ibidem*. p. 115.

são tratadas simples notícias, quase reclames, é simbólica para entender a representação que o tempo todo esses letrados desejavam embutir ao estado.

A seção *Comércio e Indústria*, que analisamos no capítulo dois, como sendo um dos principais veículos de divulgação dessa imagem, se tornou *Exposição de Comércio e Indústria*, no centenário de Niterói, o que remetia a grandes exposições internacionais, comuns no início do século XX, nas quais a tecnologia e os últimos avanços, em diversas áreas, ficavam à mostra para a população. Niterói, igualmente, realizou uma exposição por conta do seu centenário, mas essa ficou restrita às fronteiras da arte e da literatura.<sup>265</sup> Logo, “expor” o movimento industrial do estado colaborava para associá-lo ao progresso e substituir a representação predominante agrária, tão clara no século XIX.<sup>266</sup>

Na *Exposição de Comércio e Indústria* foram divulgadas diversas firmas e fotografias de suas fachadas, com seus respectivos proprietários. Separados por vinhetas ou símbolos gráficos, cada empresa tinha uma característica ressaltada. E, o ponto de interseção entre as mesmas estava no prodigioso crescimento do estado, ao qual *A Revista* dava os “parabéns aos esforçados comerciantes”<sup>267</sup>. O ideal de progresso estava sendo reproduzido a cada propaganda, e fixado no imaginário coletivo como um sinal de desenvolvimento socioeconômico do estadual.

Ao comemorar-se o centenário da Independência, em que a festa em foco era a da nacionalidade, a idéia de expor o parque industrial que Niterói, e os outros municípios fluminenses, haviam conquistado, torna-se ainda mais imperativo. Foram poucos os anúncios distribuídos ao longo dessa edição, a grande maioria concentrou-se no fim da revista, em uma seção inédita chamada “Indicador Nominal”. Como se fosse uma lista, que somava mais de 40 páginas, o índice organizava diversos tipos de reclames, classificados por ordem alfabética.<sup>268</sup>

O índice formava uma brochura de anúncios. Cada comércio exposto tinha uma fonte diferente, além de linhas que separavam uma publicidade da outra. Preços módicos, endereço completo e nome do proprietário eram as características

<sup>265</sup> Devido a escassez de fontes, não conseguimos reunir muitas informações adicionais, além do que *A Revista* nos trouxe, sobre essa exposição na cidade de Niterói.

<sup>266</sup> Cf. Márcia Maria Menendes Motta. Niterói rural: elite de ontem e os arrendatários de outrora (1808-1888). In: Martins, Ismênia de Lima; Knauss, Paulo (Orgs). *op. cit.*

<sup>267</sup> Exposição de comércio e indústria. *A Revista*. Ano I, nº 4, 1919. p. 30-32, 54, 67-77.

<sup>268</sup> Indicador nominal. *Idem*. Ano IV, nº 50, 1922. p. 186-223.

que se repetiam na divulgação das casas comerciais, a cada letra do alfabeto. O “indicador” impressionava pela quantidade de anúncios, que indicavam a grande praça de comércio que estava instalada na terra fluminense. Ostentar essa feição industrial garantia, por um lado, a manutenção financeira do periódico através dos anúncios, e, por outro, a indefensável imagem do progresso.

### 3.5.1. O interior em revista

Apresentar o progresso à cidade – seja por suas avenidas comerciais ou pelo surgimento de novas construções, fábricas, vitrines – proporcionava uma tônica cada vez mais urbana condensando as melhorias em realidade de modernização. Nos números centenários era *A Revista* a própria vitrine da ampliação e da acuidade com que estava se desenvolvendo o território do Rio de Janeiro. Enquanto vitrine que se põe a ver o que melhor há para oferecer o estado, *A Revista* volta-se ao interior fluminense.

Ao traçar um ponto de vista em que, o aspecto do moderno é a linha condutora, uma pergunta pairava no ar: a capital, Niterói, é uma cidade urbanizada, grande, por isso moderna, mas, o restante do estado seria assim? A narrativa modernista do periódico tem no regionalismo uma característica latente, porém central para entendermos as propostas dessa intelectualidade. Um outro conceito para o estado fluminense, seu resgate como unidade-chave na federação só seria possível com o interior que se mostrasse forte, pujante.

A idéia de um modernismo interiorano, isto é, que busca no interior os bastiões da nacionalidade, era promovida. Figuras como Monteiro Lobato e Tristão de Ataíde afirmavam a importância do campo no resgate da identidade nacional, pela sua pureza, por não estar corrompido como os centros urbanos.<sup>269</sup> Oliveira Vianna, ilustre fluminense, participava dessa perspectiva de análise. Tendo uma vez colaborado para *A Revista*, tratou da “Arborização Urbana”<sup>270</sup>, ou seja, da necessidade de se equilibrar a febril cidade moderna e os ares agradáveis do interior. Não que *A Revista* compartilhasse da opinião em que o campo era a essência do moderno. Seu discurso estava voltado para a urbanização, mas,

<sup>269</sup> Sobre a discussão entre as correntes modernistas paulistas e cariocas, ver o primeiro capítulo dessa dissertação.

<sup>270</sup> Oliveira Vianna. Arborização Urbana. *A Revista*. Ano I, nº 1, 1919. p. 40-41.

certamente, contrabalancear o interior do estado e a capital, seria necessário para atribuir uma feição moderna que se desejava aos fluminenses.

Uma seção recorrente nas publicações do nosso periódico era *A Revista em...* O predicado regionalista era o centro das matérias dessa seção. Eram editadas várias fotografias, acompanhadas de um texto cívico, que exaltava a união da pátria e do território estadual, a fim de expor as melhorias realizadas em cada município fluminense. O espaço, que a cada número trazia uma reportagem fotográfica e uma pequena nota, contemplava todos os caminhos propostos pelos letrados da revista para se atingir o progresso. Ao descrever um município a matéria realçava a educação ou a saúde ou a política ou, ainda, o comércio alentado da região, ou todos esses componentes juntos. Em uma esfera micro, em cada municipalidade, reproduzia-se o rótulo da modernidade do estado.

Logo, nos centenários, o artifício do local e do regional como parte do todo é amplamente propagado. A história remonta a união dos povos, da fundação da nacionalidade, e traça-se um paralelo com a adesão das municipalidades para a formação do estado. Assim como na pátria, cada unidade municipal tem sua relevância e o sentimento de união é fundamental para a existência do estado fluminense. E, se a capital, Niterói, é símbolo do moderno, esse paradigma dissemina-se por todo o cenário estadual.

No número dos cem anos de Niterói, inúmeras são as fotografias que ilustram essa particularidade. O âmbito fluminense era mostrado com Araruama, fotos da sua igreja, do Fórum e da Câmara Municipal; com São Lourenço e sua igreja matriz; além de dar maior ênfase à própria capital, com fotografias de suas principais ruas e monumentos, como a Rua da Conceição e o Palácio da Justiça.<sup>271</sup>

Mas, foi na publicação da festa da Independência, que uma maior proeminência foi destinada aos municípios do estado. Na primeira página do referido número temos o seguinte texto:

“Quem percorrer os férteis municípios do torrão fluminense e observar o surto de intenso progresso em que todos eles se evidencia, não deixará de aplaudir a sábia orientação do Dr. Raul Veiga na suprema direção do estado.

As longas estradas, abertas ao trânsito confortante dos que vivem da lavoura, dos que retiram do solo os grandes tesouros facultados ao bem público, as grandes pontes lançadas sobre os rios que serpenteiam pelas nossas florestas, os edifícios majestosos facultados a instrução e a justiça, tudo enfim que lembra uma diretriz

<sup>271</sup>A Revista em... **A Revista**. Ano I, nº 4, 1919. p. 46, 18, 54, 20. (respectivamente)

luminosa concebida pelo espírito da democracia, dará nas páginas da História Fluminense a justa apologia de quatro anos do governo fecundo”.<sup>272</sup>

Apesar do elogio à administração de Raul Veiga, o destaque é atribuído ao “torrão fluminense”, que oferece uma imagem de progresso e melhorias a todo o Rio de Janeiro. Dentro do número, um longo caderno é dedicado aos “Municípios do Estado do Rio de Janeiro”, contando um pouco de sua história, seus dados populacionais, construções, distritos, bairros, escolas, desportos praticados, comércio, vias de comunicação e seus filhos de renome, ou seja, intelectuais e políticos oriundos dos mesmos.<sup>273</sup> Na verdade, prioriza-se o desenho de um panorama rico do que é o estado fluminense.

O conhecimento dessa realidade, interpretada positivamente pelo viés da modernização, proporcionava os contornos identitários do povo fluminense. Dos 48 municípios, que formavam a paisagem do Rio na época, apenas metade estavam listados. Entretanto uma observação dizia que “nossos leitores poderão conhecer da vida e da grandeza do fertilíssimo torrão fluminense” na próxima edição, pois não foi possível a reportagem completa por falta de tempo e espaço no periódico.<sup>274</sup>

A segunda metade do mencionado caderno era toda de fotografias das diversas municipalidades. Retratos de igrejas, câmaras municipais, praças, avenidas, pontes, escolas ou vistas gerais de cada cidade. O maior destaque foi dado à cidade de Niterói e a seus palacetes, símbolos da administração estadual. Ao priorizar o aspecto urbano de cada cidade, na reportagem fotográfica, *A Revista* evidencia a imagem que estava consolidando junto ao estado: moderno, urbano, onde o progresso é realidade, mesmo em cada distrito interiorano fluminense.

### **3.6. Educação e cultura: construindo bases para o próximo centenário**

Entre tantos atributos examinados na visita de *A Revista* ao interior, um dos mais proeminentes dizia respeito ao número de escolas, dos grupos escolares e

<sup>272</sup> Manoel Leite Bastos. Quatro anos de governo fecundo. *Idem*. Ano IV, nº 50, 1922. p. 1.

<sup>273</sup> Ver anexo 13.

<sup>274</sup> Municípios do Estado do Rio de Janeiro, *Idem*. p. 132 a 180.

dos filhos ilustres da cidade, isto é, letrados ou políticos que fizeram o nome no estado. Resgatar biografias, recuperar raízes e história local é um exercício constante nas festividades centenárias que estudamos. Contudo, algumas perguntas se colocam aos intelectuais fluminenses: fizemos a reconciliação com o passado e com a história, mas e o com futuro? E os próximos cem anos? Qual será a base da reconstrução nacional que permitirá a perpetuação do país moderno que estamos delineando hoje?

A resposta é fácil: a educação. O diálogo com o ensino incidiu em uma dupla acepção. Ao mesmo tempo em que a instrução é a chave para reconstruir a nação, para torná-la moderna e afinada com o novo painel que se coloca no início do século XX, ela é projetada para o futuro, para conceber uma geração promissora. A garantia dos próximos cem anos começava no hoje, pois o centenário articulou presente, passado e futuro. Segundo Motta, os intelectuais poderiam até estar

“Em desacordo sobre os reais motivos do descompasso do país com a modernidade, divergindo em torno dos caminhos que deveriam conduzir até ela, a intelectualidade brasileira convergia, no entanto, na compreensão de que o centenário seria o momento-chave em que tais questões deveriam ser discutidas. Momento de articulação do presente/passado/futuro, de construção de diferentes modelos para a criação de uma nação "brasileira e moderna", o centenário de 1922 não se reduziu à comemoração de uma data memorável, mas ao contrário, envolveu a intelectualidade brasileira na tarefa sempre renovada de criar a nação, traçar a identidade nacional e, mais que tudo, construir um Brasil moderno.”<sup>275</sup>

E um dos pilares dessa construção seria o ensino. A instrução, que vai além da alfabetização apenas, mas está ligada a todo movimento das letras: literatura, artes, teatro e, principalmente, a educação para a nação, a instrução cívica e o nacionalismo. Se essas temáticas já eram rotineiras nas edições de *A Revista*, nos números especiais que estudamos, seguem a regra de ter o seu discurso amplificado e ainda mais contundente.

Entre as diversas solenidades da festa, a arte e a literatura foram duas das mais notabilizadas. No editorial que saldava a fundação de Niterói a literatura, em uma análise comparativa aos cem anos, foi o assunto central do texto. Gioconda Dolores descreveu lançamento de livros, destacando a animação das letras no estado com o lançamento de *Colar de Pérolas*.

<sup>275</sup> Marly Motta (1994). *op. cit.* p. 3-4.



“A ‘Literatura fluminense’, que conta um bem crescido número de poetas de mérito, deveria ter a sua consagração agora que se festeja o ‘Centenário da Fundação de Niterói’.

‘Collar de Pérolas’ é uma homenagem aos poetas já feitos e um estímulo aos iniciados...

Sendo um trabalho quase completo e único no gênero, estamos certos, o seu sucesso será garantido e o valor dos intelectuais do Estado do Rio ficará mais uma vez amplamente provado.”<sup>276</sup>

O texto da autora é emblemático na medida em que exacerba a questão futura, considerando que a obra incita as gerações que estão se formando. Além de produzir em seus leitores um sentimento de pertencimento ao valor conquistado pelos intelectuais do estado. A volta a um tempo de prestígio, a uma “Idade de Ouro” perdida, fica clara no trecho “mais uma vez amplamente provada”, dessa maneira, a intelectualidade está de novo comprovando seu valor. A importância da literatura acontece igualmente no resgate da identidade cultural dos fluminenses.

As notícias acerca da exposição de arte que aconteceu para comemorar a fundação da cidade, exemplificam outra forma desse resgate. Na matéria sobre o evento, o periódico grifa o valor artístico dos filhos de Niterói, descrevendo, inclusive, as possíveis sensações e sentimentos que o público teve ao assistir a exposição. Todos os artistas que expuseram suas obras foram relacionados no texto, seguidos de comentários elogiosos. Até uma seqüência com três fotos foi impressa mostrando algumas telas da exposição.

Nas páginas do número dedicado a Independência, a recíproca foi verdadeira. Fotomontagens apresentavam quadros dos artistas da terra, a exemplo da homenagem feita ao artista “André Vento e sua grandiosa obra d’arte”<sup>277</sup>. Uma seção foi dedicada a *Prosa Brasileira* articulando sobre a importância da literatura e das artes. A publicidade em torno do livro *Colar de Pérolas*, grande projeto literário dos letrados fluminenses, foi intensa. A seção *Telas e Ribaltas* – nos dois números centenários – dedicou-se ao lançamento e à divulgação de vários espetáculos. Em *Poesias* vários versos e sonetos disseminavam-se nas páginas dos periódicos. Até uma crônica sobre os salões da cidade de Niterói foi publicada.

A imagem que temos depois de analisar as edições especiais das festividades centenárias é de uma viva agitação cultural. A literatura, a poesia, o

<sup>276</sup> Gioconda Dolores. Editorial. **A Revista**. Ano I, nº 4, 1919. p. 6-7.

<sup>277</sup> André Vento e sua grandiosa obra de arte. *Idem*. Ano IV, nº 50, 1922. p. 23.

teatro, as artes são anunciados como uma atividade ordinária aos fluminenses, como algo comum a sua rotina. E se inerentes ao seu dia-a-dia, são parte da sua identidade. A questão cultural é cara para o periódico, não só porque ele se denomina uma revista literária, mas porque faz parte do projeto dos seus redatores. Reavaliar o estado pelo viés da cultura, seria uma tarefa fundamental para auto-afirmação fluminense nos debates modernistas sobre a nação.

Além do mais, a literatura, nesse momento, era uma missão<sup>278</sup>. A tentativa de redefinir o papel da literatura no seio da nação a torna instrumento de ensino, de civismo, de reflexão sobre o país. Na ocasião de afirmação da identidade nacional, a literatura foi utilizada como canal difusor de uma doutrina. Doutrina essa, que os intelectuais estabeleceram, por isso a confluência entre o discurso histórico e o literário será utilizado para pensar o país.<sup>279</sup> As questões culturais seriam uma forma de educar, de civilizar, de recriar a pátria.

Nesse sentido, a educação era vista como um instrumento fundamental, que preparava a geração vindoura, além de restaurar o cenário nacional. A busca de um consenso ideológico – pela difusão dos princípios de modernização, progresso, nacionalismo – valorizou a instrução como forma de produzir essa concordância. Se as biografias de ilustres fluminenses eram revividas pela história, como forma de valorizar a terra, através da educação, então era possível surgir novos homens de letras que levariam o nome do estado à frente. A função pedagógica que os intelectuais tomaram para si, passa por ensinar a nação a ser grande, moderna; e a instrução é a certeza desse empreendimento.

Ao folhear as edições dos cem anos da cidade e da pátria é notória a preocupação do expediente de *A Revista* com os propósitos educacionais. Os mesmos eram tema comum ao periódico, especialmente se considerarmos o grande número de redatores que estavam ligados à instrução; mas na ocasião de festa, o mote educacional foi especialmente comemorado. Os cem anos de história – de formação dos niteroienses e dos brasileiros – valorizou o ensino como instrumento propulsor da nação.

Páginas inteiras são dedicadas a expor imagens relativas à instrução. Instantâneos que exibiam o crescimento das escolas no estado, suas instalações e

<sup>278</sup> Cf. Nicolau Sevcenko (2003). *op. cit.*

<sup>279</sup> Ver Mônica Pimenta Velloso. O modernismo e a questão nacional. In: Jorge Ferreira; Lucília Neves de Almeida Delgado (orgs.). *op. cit.*

seus educandos. Por exemplo, a foto das alunas do 1º ano da Escola Normal ou os três retratos do grupo de estudantes do Colégio Salesianos, em Santa Rosa. As imagens estavam dentro de uma reportagem chamada “Nas escolas”, não havia texto, a narrativa fotográfica, acompanhada de suas legendas, bastava à mensagem que se queria dizer.<sup>280</sup>

A mensagem era o contorno da educação no Estado do Rio de Janeiro. No artigo “Quantas escolas há no Brasil?”,<sup>281</sup> os autores Mello Souza e Orestes Guimarães traçam uma estatística de quantas escolas públicas, privadas e grupos escolares existem em cada estado da Federação. O balancete foi feito, portanto, na circunstância do centenário da independência, instante em que se está pensando a nação. Na conta dos autores, os fluminenses estão com um déficit em relação aos principais estados, como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do sul.

Após essa matéria, foi impressa uma nota da redação de *A Revista*. Nessa, os dados tratados foram impugnados, como informações que estavam aquém da verdade. O comentário não tem autor – mas, como “nota da redação”<sup>282</sup>, ela exprime a opinião do grupo do periódico – e registrou a mensagem presidencial<sup>283</sup> de que há mais colégios e grupos escolares no Rio de Janeiro do que prevê o referido artigo. Ao final da nota, evidenciava-se que, mesmo considerando os dados imprecisos da reportagem, a educação fluminense está pareada a do Distrito Federal e de estados importantes como Ceará e Santa Catarina.

A competição entre esses números denota um compartilhar de um mesmo ideal sobre a educação. A educação era a força motriz de um país que se queria próspero e em pé de igualdade no âmbito internacional. Logo,

“Não há problema que mereça maior atenção dos poderes públicos e dos legisladores que o dá instrução.

Nenhum o sobreleva, nenhum o excede. Pode-se sem exagero dizer, que a felicidade e o progresso de um povo dependem principalmente da sua instrução.

(...) Nela se concretizam todas as esperanças e todos os sonhos da Pátria.”<sup>284</sup>

A citação acima é parte integrante da matéria “Sobre a Instrução Primária” do Dr. José Maria Coelho, de Barra do Piraí, e discute a importância do segmento

<sup>280</sup> Nas escolas. *A Revista*. Ano I, nº4, 1919. p. 47, 50, 51 e 66.

<sup>281</sup> Mello Souza; Orestes Guimarães. Quantas escolas há no Brasil. *Idem*, nº 50, 1922. p. 35.

<sup>282</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>283</sup> Supomos que a redação esteja se referindo a mensagem de Presidente de Estado à Câmara, que por vezes eram publicadas no periódico.

<sup>284</sup> José Maria Coelho. Sobre a instrução primária. *A Revista*. Ano IV, nº50, 1922. p. 61.

para o desenvolvimento do país. O ensino, segundo ele, deve ir a além do conhecimento das letras, e preocupar-se, também, com a formação de cidadãos.<sup>285</sup> Um educação múltipla que atendesse às prerrogativas nacionalistas do momento que o Brasil estava vivendo. Era um projeto de *A Revista*, que afirma que:

“O professor deverá ter compreensão exata dos seus deveres. Não lhe compete apenas difundir a instrução, ensinando a ler. Sua função é mais elevada, mais nobre, mais patriótica. É preciso que ele instrua, educando: que ele ensine preparando o homem de amanhã.”<sup>286</sup>

A existência de um discurso cívico no periódico extrapolava a noção de ensino simplesmente para alfabetizar. Os eruditos de *A Revista*, eram antes, pensadores da educação, a escola era uma local de troca e de sociabilidade do grupo. Com propostas de valorização do ensino, configuravam uma identidade nos centenários, de um cidadão para uma nação moderna, que ainda não havia se definido. Esse otimismo educacional não se restringiu ao campo da idéias, a reivindicação de políticas públicas e de uma postura efetiva das administrações, estaduais e federais, proporcionou o diálogo entre educação e política.

### 3.7. A política e a concretização do moderno.

Os intelectuais eram atores políticos, embora muitos recusassem qualquer participação nessa seara. Contudo, sua tutela cultural e o fato de estarem engajados na vida da cidade tornaram-lhes figuras representativas no cenário político do país. Ignorar sua posição parcial nos trâmites da máquina burocrática estatal é ignorar que a atuação política desses letrados é um caminho para tornar suas propostas realizáveis.

O aspecto político, em *A Revista*, tem uma dimensão ímpar. As capas eram politizadas, as mensagens dos prefeitos ou do Presidente do Estado eram publicadas, os progressos eram relacionados à governança que estava no poder.<sup>287</sup> Enfim, os laços políticos estavam no discurso, na sociabilidade cotidiana da revista. A importância desse relacionamento estava na possibilidade de manutenção o periódico, estar ao lado da situação política poderia colaborar com

<sup>285</sup> Cf. Helena Bomeny. *op. cit.*

<sup>286</sup> José Maria Coelho. *op. cit.*

<sup>287</sup> Ver anexo 05.

circulação dos números, além de dar voz ativa aos seus redatores e ajudar na concretização das propostas que esses veiculavam.

Nesse sentido, *A Revista* não se furtou em evidenciar a questão política nos números, que justamente, avaliavam a trajetória histórica da capital do estado e da nação. A capa do centenário de Niterói, por exemplo, foi ilustrada pelo presidente da República à época, Dr. Epitácio Pessoa. Em seguida, os representantes da política estadual e municipal, respectivamente, o Dr. Raul de Moraes Veiga e o Dr. Enéas R. de Castro, tiveram suas fotografias com uma página de destaque para cada um.<sup>288</sup> O destaque nas figuras desses homens importantes realçava o seu papel na história, imortalizava os seus feitos e, portanto, agradava o poder vigente. E com essa troca, os redatores cobravam posturas sobre educação, saúde, progresso, enfim, de como inserir de vez o estado fluminense nos paradigmas da modernidade.

No editorial, que saudava os cem anos da nacionalidade, foi reiterada a relação da revista com a vida política: “E A REVISTA, sempre interessada na evolução fluminense, deixa nestas linhas a simples homenagem ao jovem estadista que soube corresponder ao objetivo de quantos se batem pelos ideais democráticos”.<sup>289</sup> A alusão ao desenvolvimento fluminense estava intimamente ligado às decisões políticas, o periódico não faz questão de ser imparcial, marcando sua posição com o poder público e atrelando-as ao progresso do estado.

Assim, além de comentários que enaltecem as administrações e seus políticos, fotos em todo o periódico elucidam isto. Apresentam-se os deputados da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro; o Sr. Cotrim Filho chefe da polícia do estado; bem como vereadores e prefeitos das diversas municipalidades do estado, visto a reportagem dedicada ao conhecimento do território estadual.<sup>290</sup> Ademais, quando a narrativa fotográfica passeava com cada cidade do interior, a primazia dos instantâneos estava em mostrar os órgãos políticos da cidade, como as prefeituras e câmaras municipais. A explicação pode verter em dois significados. Primeiramente, porque esses, provavelmente, eram os prédios mais bonitos, talvez na parte mais urbana do município. A outra explicação deriva na

<sup>288</sup> **A Revista**. Ano I, nº4, 1919. capa, p. 1 e 2.

<sup>289</sup> Quatro anos de governo fecundo. *op. cit.* Quando autor menciona o “*jovem estadista*” está se referindo ao Presidente do Estado do Rio de Janeiro Dr. Raul Veiga, que tem sua fotografia estampada no início do artigo.

<sup>290</sup> **A Revista**. Ano I, nº4, 1919. p. 20-22, 110-112.

acepção política, como o diálogo com os poderes municipais é profícuo e as instituições ligadas a esses são denotativas da identidade do município.

Mesmo em relação à Niterói, uma cidade muito mais urbanizada, os prédios públicos receberam destaque. No número que antecede o centenário da cidade, assim foi publicado:

“Para ilustrar a nossa revista estampamos no presente número as fotografias que mostram, claramente, os progressos de Niterói nestes últimos tempos de propaganda evolucionista.

Em uma delas vê-se o antigo ‘Campo Sujo’ metamorfoseado em um verdadeiro trecho da Av. Central.

Parece até um sonho!... Um jardim a esquerda e edifícios em simetria concebidos num fino gosto arquitetônico, onde se instalam confortavelmente a ‘Assembléia Legislativa’, o ‘Palácio da Justiça’, a ‘Escola Normal’, a ‘Polícia’ e a ‘Guarda Nacional’, formando um conjunto agradável e animado por essa poesia comunicativa, que entusiasma a alma sonhadora dos fluminenses.”<sup>291</sup>

Uma cidade capital é um local privilegiado de construção da identidade de um território. O que acontecia em Niterói era espelho para os demais municípios do estado, como um modelo a ser imitado. Mostrar a metamorfose, o esquadrihar de um núcleo de prédios públicos é relevante para a construção do cidadão fluminense, para sua identidade política. Segundo Azevedo, o esboço do que mais tarde será a Praça da República, deu-se pela necessidade de alojar instituições administrativas e “a praça recuperando o símbolo de centro cívico da capital do estado passou a constituir o espaço do poder da cidade”<sup>292</sup> e uma representação da sua identidade.

Inserir o Estado do Rio de Janeiro na história da nação, ou seja, amalgamar sua representatividade na federação, foi um dos objetivos primeiros das duas edições centenárias aqui analisadas. Um momento de reavaliar seu passado e traçar um futuro de progressos. Estabelecer vínculos com os políticos locais, salientar as instituições do poder público e enaltecer as biografias de grandes nomes do estado fez parte desse exercício de reavaliação.

O que se questiona é o papel dos fluminenses neste projeto de nação e, projetando o seu por vir. Daí parte a necessidade de se colocar ante à federação como um estado de um passado prodigioso, mas que não está só no passado, que o desenvolvimento é uma realidade presente e futura. Que os fluminenses também

<sup>291</sup> As nossas fotografias. *Idem*. n° 3, 1919. p. 5. Ver anexo 12.

<sup>292</sup> Marlice Nazareth Soares de Azevedo. *op. cit.*

respiram os ares da modernidade. A citação abaixo condensa os caminhos para se atingir essa meta e a interface com a com política só tem a colaborar.

“Não devemos parar. A semelhança do que se tem operado, na capital da República, façamos de nosso Estado o ponto convergente de todas as iniciativas valorosas.

Já possuímos a nossa <Academia Fluminense de Letras> - abrigo dos expoentes de nossa literatura, preparemos a nossa <Biblioteca Pública>, iniciemos as conferências científico-literárias, façamos os cursos públicos gratuitos dirigidos por homens de valor, cuidemos do nosso Teatro, animemos, com os estos [*sic*] de nosso entusiasmo, as inclinações louváveis de nossa mocidade – as nossas Esperanças vivas, obreiros do nosso Futuro.”<sup>293</sup>

---

<sup>293</sup> Max Lucano. O centenário e a mocidade fluminense. **A Revista**. Ano IV, nº 50, 1922. p. 74.